

Boas contas para o Brasil em 82

O Banco Central está muito otimista quanto ao comportamento das contas externas: em 1982, o déficit em conta-corrente será de 10 bilhões de dólares e a necessidade de empréstimos em moeda, de 14,5 bilhões. Enquanto isto, a produção industrial continua caindo: -5,5% em 12 meses até outubro, contra -4,13% no período anual encerrado em setembro. Mesmo assim, o presidente da Fundação IBGE, Jessé Montello, assegura que o pior já passou e que, logo logo, a indústria voltará a crescer.

De acordo com a "hipótese de trabalho" para a área externa no próximo ano, a captação de 14,5 bilhões em dinheiro será suficiente para assegurar um acréscimo de 1 bilhão de dólares nas reservas cambiais.

A principal causa do otimismo dos técnicos do Banco Central é a esperada estabilidade das despesas com compras de petróleo em torno de 10 bilhões de dólares. Segundo salientam estes técnicos, a inflação mundial e o possível aumento das compras externas, como consequência da reativação da economia, só atingirão os demais itens da pauta de importações, fora petróleo, o que deverá resultar num superávit de 3 bilhões de dólares.

Para alcançar este número, dizem as fontes, basta que as exportações e as importações, exceto petróleo, cresçam 20%. Trata-se de uma projeção bastante favorável já que a balança comercial, para registrar um superávit de 988 milhões de dólares entre janeiro e novembro, teve de apresentar um incremento de 16,6% nas exportações e uma queda de 4,2% nas importações.

Apesar dos possíveis erros de avaliação da conjuntura internacional, o Banco Central prefere seguir as análises do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial quanto às tendências favoráveis, em relação aos últimos anos, da recuperação dos índices de crescimento econômico dos países industriais, com maiores possibilidades para a colocação de produtos brasileiros, além de contar com a melhoria nos preços internacionais de alguns produtos primários como o café e o cacau.

De acordo com as fontes, o déficit em transações correntes só não será menor em razão do impacto das elevadas taxas de juros internacionais dos últimos seis meses na conta "rendas de capitais" do primeiro semestre do próximo ano.

O diretor da Área Externa do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano, evita falar sobre o futuro dessas taxas, mas a hipótese de trabalho vai manifestar confiança no acerto das previsões de banqueiros e do Fundo Monetário Internacional de que os juros externos cairão pelo menos ao longo do primeiro semestre de 1982.

Assim, os técnicos do Banco Central ainda acreditam que os encargos da dívida externa ficarão, no próximo ano, entre 8,5 e 9 bilhões de dólares. Como os demais itens da conta de serviços acrescentarão de 4,3 a 4,5 bilhões de déficit, o saldo negativo em conta-corrente atingirá, descontando-se os 3 bilhões de superávit comercial, cerca de 10 bilhões.

O aumento de 1 bilhão nas re-

Gastaremos menos com importação de petróleo, exportaremos mais produtos e haverá necessidade de menos empréstimos externos: são as contas que o Banco Central está fazendo, baseado em previsões internacionais.



Jessé: recuperação industrial.

servas cambiais, imprescindível para manter o patamar mínimo de liquidez, frente ao crescimento do comércio exterior, será possível até com a captação de 14,5 bilhões (1 bilhão a menos que este ano), graças à redução dos pagamentos de amortização da dívida de 7,6 bilhões este ano para 7,02 bilhões, em 1982, e também pelo carry over de 2 bilhões, isto é, recursos contratados este ano para ingresso efetivo no País em 1982.

Indústria volta a crescer?

No Rio, o presidente do IBGE (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), afirmou ontem que, em comparação com 1975, a curva descendente da produção industrial dá sinais de ter chegado ao "fundo do poço". Ou seja, iniciará nova fase ascendente nos próximos meses.

Para chegar a esta conclusão, Jessé Montello considerou 1975 como ano-base, igual a 100, e comparou a média da expansão industrial dos trimestres janeiro-março, abril-junho e julho-setembro, que são, sucessivamente, 131,05%, 127,74% e 131,39%. Nesta comparação, o segundo trimestre representa o "fundo do poço" havendo ligeira melhora a partir de julho.

A advertência de Rischbieter

"O governo deverá prosseguir, em 82, com uma política voltada para o controle das contas externas, mas não poderá aplicar apenas uma política monetária apertada porque acabará matando o País". A opinião é do ex-ministro Karlos Rischbieter que revelou ontem, em Curitiba, uma certa surpresa com a capacidade do País em enfrentar dificuldades: "É um milagre que as tensões sociais acumuladas não tenham provocado explosões maiores".

Ele não espera que o governo altere as bases de uma política determinada pelas contas externas porque o déficit externo foi estancado e o País está readquirindo um certo crédito diante da comu-

nidade financeira internacional.

Mesmo acreditando numa pequena recuperação da indústria, principalmente se for tomado como base o segundo semestre deste ano, "pois não há maneira de cair mais ainda", o ex-ministro defende a necessidade de "recriar uma base interna para a indústria", pois a saída encontrada este ano, através das exportações, não poderá ser repetida com tanta ênfase no ano que vem.

Mas as preocupações de Rischbieter concentram-se na falta de propostas globais para o País. Existe uma definição básica, que deve ser dada com urgência, diz ele: "Ou o Brasil quer transformar-se numa grande potência ou pretende ser um país socialmente mais justo". Sem resposta a esta questão, ele não acredita em soluções reais, porque o governo "precisa examinar os problemas e atacá-los com medidas fiscais e financeiras de largo alcance". Não se consegue distribuição de renda apenas por meio da política salarial, afirma o ministro, que nem por isso deixa de considerá-la acertada.

A definição de uma política tributária que leve em consideração as diferenças regionais e pessoais tem, para o ex-ministro, caráter de urgência. "O País precisa considerar que os ganhos de capital devem ser taxados e que até agora nada foi feito a esse respeito". Do mesmo modo, Rischbieter condena a falta de propostas globais para os grandes problemas, observando que, se existe desemprego, é preciso estudar as relações entre capital e produto e, em vez de utilizar recursos para investimentos em bens de capital, pode-se buscar alternativas na utilização intensiva da mão-de-obra. Assim, as metas traçadas para o País poderão ser atingidas de modo mais lento, sem provocar fortes comoveções na estrutura social e econômica.

A pressa em crescer, para ele, pode causar deformações mais sérias do que o próprio crescimento lento pois, se as medidas de controle sobre a economia fossem tomadas anteriormente, não teriam o mesmo impacto. "Se tivéssemos distribuído durante os dois últimos anos o crescimento de 80, estaríamos em condições bem melhores", garante o ex-ministro, que demonstra preocupações com as perspectivas para o próximo ano: "O setor terciário, graças à mobilidade que o País ainda tem, pôde absorver este ano grande parte dos desempregados, mas é preciso lembrar que alguém terá que continuar produzindo".

As previsões de Garnero

Em Brasília, o presidente do Brasilinvest, Mário Garnero, previu ontem que o reaquecimento da atividade econômica no segundo trimestre do próximo ano acontecerá com o início de uma "nova boa safra agrícola", conjugado com o possível afrouxamento no controle das importações. Além disso, haveria maior folga na liquidez, mantido o teto de 50% para a expansão dos empréstimos bancários, para uma inflação de 75% a 80%. E os juros internos tenderiam a cair porque o Banco Central teria menos necessidade de colocar títulos públicos.